

MINISTÉRIO DA SAÚDE  
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO EM SAÚDE

ANA BEATRIZ GUTERRES AZEVÊDO MATHIAS

**A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS NA TEORIA FREUDIANA**

Rio de Janeiro

2013

ANA BEATRIZ GUTERRES AZEVÊDO MATHIAS

**A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS NA TEORIA FREUDIANA**

Monografia apresentada à Escola  
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio  
como requisito parcial para aprovação no  
Curso Técnico de Nível Médio em Saúde  
com habilitação em Gerência em Saúde.

Orientadora: Maria Cecília de Araújo Carvalho

Rio de Janeiro

2013

ANA BEATRIZ GUTERREZ AZEVÊDO MATHIAS

**A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS NA TEORIA FREUDIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Gerência em Serviços de Saúde.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Maria Cecília de Araújo Carvalho – EPSJV/FIOCRUZ

---

Cristina Maria Toledo Massadar Morel– EPSJV/FIOCRUZ

---

Adelyne Maria Mendes Pereira – EPSJV/FIOCRUZ

*Dedico esse trabalho à minha família  
e aos meus amigos que tanto me ajudaram.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, pelo esforço e dedicação para que eu conseguisse chegar aonde cheguei, por me cobrarem sempre o meu melhor (mesmo que eu não desse), além do seu amor e apoio. E agradeço também a minha irmã que apesar de ter me deixado de lado no último ano e não ligar mais pra mim eu continuo correndo atrás. Eu amo vocês!

Agradeço aos amigos que fiz aqui na EPSJV. Espero que essa amizade não termine junto com nosso ensino médio e acho esse laço que criamos não vai permitir isso. Obrigada pelas conversas, pelos sorrisos, pelos abraços, pelo companheirismo no desespero e também fora dele (Alê, Morgs, Olgatinha, Isis, Karllinha, Lê, Thai, Bel, Maria e Min).

Agradeço também Paula e a Joyce, que entenderam a minha ausência nesses três anos de EPSJV.

## Resumo

Este estudo visa mostrar os meios empregados pela censura psíquica para ocultar o real significado dos sonhos, visto que estes são realizações de desejos que foram banidos da consciência por serem perturbadores, não estando em harmonia com as ações que devem ser tomadas para manter o bem estar do indivíduo.

Palavras-Chave: Sonho. Censura. Consciente. Inconsciente.

## **SUMÁRIO**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>                                  | <b>7</b>  |
| <b>2. PSICOLOGIA DOS PROCESSOS ONÍRICOS.....</b>           | <b>10</b> |
| <b>2.1 ESQUECIMENTO DOS SONHOS.....</b>                    | <b>10</b> |
| <b>2.2 REGRESSÃO.....</b>                                  | <b>12</b> |
| <b>2.3 REALIZAÇÃO DE DESEJOS.....</b>                      | <b>14</b> |
| <b>2.4 SONHOS DE ANGÚSTIA.....</b>                         | <b>15</b> |
| <b>2.5 OS PROCESSOS PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO.....</b>         | <b>16</b> |
| <b>2.6 O INCONSCIENTE E A CONSCIÊNCIA – REALIDADE.....</b> | <b>16</b> |
| <b>3. DELÍRIOS E SONHOS NA GRADIVA DE JENSEN.....</b>      | <b>17</b> |
| <b>4. CONCLUSÃO.....</b>                                   | <b>20</b> |
| <b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                  | <b>21</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

A partir do momento em que soube da necessidade de elaborar um trabalho de conclusão de curso, cresceu em mim um interesse sobre a temática do sonho, assunto que já despertava um interesse em mim, pois não compreendia o processo que os sonhos tinham. Com a pesquisa feita para a elaboração desse projeto vi que tal interesse não era restrito e que esse assunto tem despertado o interesse das pessoas durante muito tempo.

Com a publicação do livro “A Interpretação dos Sonhos” de Freud, houve uma ruptura na forma de ver o homem. Antes a preocupação era com o homem em seu aspecto consciente, após a publicação isto mudou, pois notou-se que as ações do homem eram “reprimidas”, inserindo uma nova dimensão, o inconsciente, na compreensão dos fenômenos da vida humana (FREIRE, 2000). Pretendo com esse estudo entender um pouco mais sobre o que é o sonho, porque nos esquecemos de alguns sonhos que temos e porque às vezes sonhamos com nossa infância.

A temática dos sonhos é um assunto que vem intrigando estudiosos ao longo dos anos, e algumas teorias em torno desta, foram sendo criadas. As principais teorias sobre os sonhos são as de Sigmund Freud e Carl Jung. Durante um tempo, Freud e Jung foram companheiros de estudos tendo uma relação amigável. Porém, desentendimentos em torno da teoria fizeram com que eles se separassem. Jung não aceitava a ênfase dada nas questões de natureza sexual e Freud não admitia que Jung considerasse questões de cunho espiritual e místicas como métodos válidos de estudo (JUNG, 1989).

Jung defende uma visão de que os sonhos são uma ferramenta que a psique encontra para buscar o equilíbrio. Para ele, existem dois tipos de inconsciente: o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo, onde o primeiro se constitui de material reprimido e o último guarda experiências do passado da nossa espécie (JUNG, 1989).

Já Freud, acredita que os sonhos são uma realização de um desejo reprimido, que possuem uma experiência consciente (as experiências do dia), e um conteúdo latente, considerado inconsciente (FREUD, 1900).

No que diz respeito aos sonhos e a vida de vigília, há diversos pontos de vista diferentes. Dependendo da época e da cultura, os sonhos “ganham” novas interpretações. Na Antiguidade, os sonhos eram relacionados com o mundo dos deuses e/ou dos mortos, acreditando-se que estes previam o futuro, porém Aristóteles vê os sonhos como algo que não foi enviado pelos deuses e que não tem uma natureza divina, e sim demoníaca. Na Idade Média os sonhos eram tidos como manifestações de experiências cotidianas e estavam relacionados com conflitos pessoais (FREUD, 1900).

Artemidoro de Daldis, intérprete profissional de sonhos para fins científicos e didáticos, que viveu no século II d. C., dividia os sonhos em duas classes contrárias, onde uma estava relacionada com a determinação do futuro, e a outra que era influenciada pelo passado e presente. Freud, citando o fisiologista alemão Karl Burdach, diz que os acontecimentos da vida cotidiana nos sonhos não se repetem, pois o verdadeiro objetivo dos sonhos é libertar-nos desses acontecimentos, dos sentimentos tanto prazerosos como dolorosos que surgem na vida cotidiana (FREUD, 1900).

Citando Wilhelm Weygandt, Freud afirma que “muitas vezes, e aparentemente na maioria dos sonhos, pode-se observar que eles de fato nos levam de volta à vida comum, em vez de libertar-nos dela” (FREUD, 1900, p. 16), estando assim em discordância com a teoria de Burdach e outros que dizem que os sonhos nos libertam dos acontecimentos de nossa vida cotidiana. Freud diz que no sonho pode surgir um material que não reconhecemos como de nossa experiência cotidiana ou de nosso conhecimento. Isso leva-nos a crer que os sonhos são independentes. Porém após um tempo, algum acontecimento recente lembra-nos a experiência esquecida e revela a fonte dos sonhos. Sendo assim, nos sonhos recordávamos e sabíamos de algo que não estava no alcance de nossa memória vigil (FREUD, 1900).

Freud ressalta ainda a importância das experiências infantis na elaboração dos sonhos. Onde lembranças que, em parte, não são utilizadas na vida vigil, não são recordadas e que muitas vezes já foram “esquecidas” servem de fontes para os sonhos. Contudo nem todos os autores asseguram que as experiências da infância são fontes dos sonhos, muitos acreditam que na maioria dos sonhos encontram-se experiências

recentes. Deste modo, o material que compõe o sonho é derivado, de alguma forma da experiência de vigília, sendo reproduzido e/ou lembrado no sonho, mesmo que isto não seja percebido tão facilmente na hora em que tentamos descobrir de onde foi retirado tal acontecimento (FREUD, 1900).

O objetivo geral desse trabalho é refletir sobre o papel dos sonhos na nossa vida cotidiana, tendo como base a interpretação dos sonhos na obra de Freud. São objetivos específicos: 1) Apresentar o capítulo VII do livro a Interpretação dos sonhos de Freud; e 2) Descrever exemplos de análise de sonhos na obra de Freud;

Para isso, será realizada revisão bibliográfica da literatura científica sobre sonhos, centrada na leitura do texto freudiano.

## 2. PSICOLOGIA DOS PROCESSOS ONÍRICOS

O capítulo VII do livro *A Interpretação dos Sonhos* trata sobre a psicologia dos processos oníricos e nele, Freud começa falando que dos sonhos que a ele chegaram por outras pessoas há um que merece uma atenção especial. As condições em que ocorreu o sonho são as seguintes: um pai estivera vigilante à cabeceira do leito do filho doente durante vários dias. Após a morte do filho, o pai foi descansar no quarto próximo ao aposento que estava o corpo do seu filho com velas a seu redor, deixando a porta aberta a fim de conseguir enxergar o aposento. Um senhor foi chamado para velá-lo, sentou-se ao lado do corpo e começou a murmurar orações. Após algumas horas dormindo o pai sonhou que seu filho estava de pé junto a sua cama e segurando-lhe o braço falou “Pai, não vêes que estou queimando”. O pai despertou e notou uma claridade vinda do quarto onde encontrava-se o senhor, que estava dormindo, e o corpo do filho estava queimando, pois uma vela havia caído sobre ele. Para Freud, tal sonho era bem fácil de interpretar. Ele diz isso tomando como base os capítulos anteriores do livro, onde seus interesses estiveram voltados principalmente a descobrir o sentido secreto dos sonhos, assim como os meios empregados para ocultá-lo. O sonho desse pai com o seu filho não levanta problemas para interpretá-lo, pois o sentido do sonho era óbvio. Tal sonho será utilizado por Freud no desenvolver do capítulo como exemplo para as teorias apresentadas por ele. Esse capítulo é dividido em seis subtemas que serão apresentados a seguir.

### 2.1 Esquecimento dos sonhos

O primeiro subtema do capítulo trata sobre o esquecimento dos sonhos, onde Freud diz que não temos garantia nenhuma de conhecer o sonho como ele realmente ocorreu. Ele atribui essa não garantia a dois fatores importantes, onde o primeiro diz que o que nos lembramos de um sonho já sofreu modificações por parte de nossa memória, que não consegue conservar um sonho inteiro e pode ter abandonado as partes mais importantes de seu conteúdo. Dessa maneira procuramos lembrar um sonho que tivemos não conseguimos lembrar nada além de um único fragmento, não tendo tanta certeza acerca desse fragmento. E o segundo fator ao qual ele se refere é que temos razões o suficiente para suspeitar de que nossas lembranças dos sonhos são fragmentadas, falsas e inexatas, pois podemos duvidar se sonhos foram tão desconexos quanto nossas

lembranças deles e, se caso o sonho for coerente, podemos duvidar de tal coerência. Se ao nos esforçarmos para lembrar ou reproduzir um sonho, não acabamos por acrescentar algo que não sonhamos, enfeitando-o a tal ponto de não conseguirmos saber seu conteúdo original (FREUD, 1900).

Ao tentarmos reproduzir os sonhos acabamos distorcendo-os onde “essa mesma distorção não passa de uma parte da elaboração a que os pensamentos oníricos são regularmente submetidos em decorrência da censura do sonho” (FREUD, 1900, p.345). É a partir daí que vemos em atuação o processo descrito por ele como “elaboração secundária do sonho pela instância encarregada do pensamento normal” (FREUD, 1900, p.345) que consiste em uma remodelação do sonho com o intuito de fazer com que o conteúdo manifesto apresente-se de forma mais coerente e compreensível. É nessa hora que são removidos dos sonhos a aparência de incoerência e de absurdo, de maneira a retirar elementos que deem essa impressão e acrescentar novos elementos (FREUD, 1900).

Freud também afirma que “Em geral, não há garantia de exatidão de nossa memória, mas, mesmo assim, cedemos à compulsão de dar crédito a seus dados com muito mais frequência do que seria obviamente justificado.” (FREUD, 1900, p.345). É por isso que para ele, ao se analisar um sonho, devemos abandonar toda a escala de certeza que temos, e tomar como uma certeza completa, a mais insignificante possibilidade que tenha aparecido, e que a parte do sonho resgatada do esquecimento no meio de uma análise é a mais importante, por se situar no caminho mais curto para solucionar o sonho, e por causa disso, foi a parte mais exposta à resistência e, portanto, ao esquecimento, do que qualquer outra parte (FREUD, 1900).

A análise e interpretação de um sonho tem uma maior possibilidade de êxito quando se tem certo período de tempo separando a época em que o sonho aconteceu e o dia em que será analisado, pois as censuras que impediam o sonho de ser analisado e interpretado já foram superadas. Freud mostra isso quando diz que ele havia conservado um grande número de sonhos que tivera e não conseguiu interpretar na época em que os sonhou. Porém, passado algum tempo tentou interpretá-los novamente e teve um grande número de êxitos, tais êxitos ele atribuiu a uma superação das resistências internas que o impediam de interpretá-los (FREUD, 1900).

A vida vigil tem uma tendência muito evidente de nos fazer esquecer qualquer sonho que tivemos durante a noite. Esse esquecimento pode ser como um todo, logo após o despertar ou gradativamente ao longo do dia, onde a censura psíquica é a

principal responsável por esse esquecimento. Uma questão levantada por Freud em relação à formação dos sonhos é: como ele pode se formar se há essa resistência? Tal pergunta é respondida por ele mesmo onde explica que durante a noite a resistência perde parte de seu poder, não o perde todo, pois ainda consegue deformar os sonhos. Porém com a diminuição da censura há a possibilidade da formação dos sonhos. Quando retoma a totalidade de sua força, no momento em que despertamos, a censura passa a eliminar imediatamente aquilo que foi obrigada a permitir se manifestar quando estava enfraquecida. A condição necessária para a formação dos sonhos seria então que a mente estivesse em estado de sono, pois reduz o poder da censura (FREUD, 1900).

Sendo assim, podemos atribuir o esquecimento dos sonhos à censura, que quando estamos despertos, elimina tudo o que vinha reprimindo, e também, a não exatidão de nossa memória em relação aos acontecimentos de nossos sonhos e pensamentos oníricos.

## **2.2 Regressão**

O segundo subtema do capítulo VII trata sobre a regressão. Freud inicia resumindo os principais resultados da investigação sobre os sonhos, onde estes são atos psíquicos importantes; sua força propulsora, na maioria das vezes, é a realização de um desejo; o fato de não serem reconhecidos de imediato como desejos, deve-se a influência da censura que sofreram em sua formação, da condensação de seu material, o deslocamento ao qual são submetidos os pensamentos oníricos (FREUD, 1900).

Logo após o resumo dos principais resultados, Freud explica porque iniciou o capítulo com o sonho do pai com o filho falecido. A explicação dada é que, embora sua interpretação não fosse tão difícil, gostaria de saber por que o pai não acordou imediatamente quando o clarão de luz chegou aos seus olhos e constatou que uma vela tinha caído em cima de seu filho em vez de sonhar, fato que ele reconheceu como um desejo do pai de que seu filho ainda estivesse vivo. Sendo assim, foi em prol da realização de um desejo que o pensamento durante o sono se transformou em um sonho. Um pensamento, frequentemente sobre algum desejo, aparece no sonho representado como uma cena (FREUD, 1900).

Fazendo uma divisão do nosso aparelho psíquico, Freud afirma que a atividade psíquica parte de estímulos tanto internos como externos e termina em inerções, onde no aparelho há uma extremidade sensorial e uma extremidade motora. A extremidade

sensorial é responsável por receber as percepções e a extremidade motora pela atividade motora. O aparelho psíquico deve compor-se como um aparelho reflexo (FREUD, 1900).

Fazendo uma redefinição do aparelho psíquico em sistemas, Freud chama de pré-consciente o sistema situado na extremidade motora. Tal sistema consiste naqueles conteúdos que podem vir a tornarem-se conscientes a partir de um breve esforço, são memórias e lembranças de fácil alcance como nomes, endereços, datas especiais e outros materiais individuais de considerável conscientização. Por trás do pré-consciente fica outro sistema, denominado inconsciente, que representa os pensamentos banidos do consciente que não tem acesso à consciência senão por meio do pré-consciente, porém, ao passar por esse sistema sofrem as modificações necessárias para se adequarem a nossa vida vigíl (FREIRE, 2000).

O inconsciente é o responsável pelo impulso para a formação dos sonhos, pois a força propulsora de formação destes é fornecida por ele. O caminho que passa pelo pré-consciente para chegar à consciência é impedido aos pensamentos oníricos ao longo do dia através da censura imposta pela resistência. Durante a noite há uma diminuição da resistência que fica entre o inconsciente e o pré-consciente, possibilitando que o inconsciente tenha acesso a consciência (FREUD, 1900).

A regressão consiste na decomposição dos pensamentos oníricos nas imagens sensoriais da qual eles descendem. A regressão é possibilitada por uma alteração na concentração de energia ligada aos diferentes sistemas do aparelho psíquico que aumenta ou diminui a barreira que tais sistemas têm para serem atravessados. Durante a vida vigíl, o fluxo de pensamentos começa no sistema perceptivo e vai em direção ao sistema responsável pela atividade motora, porém à noite, com a diminuição da censura não há mais obstáculos impedindo que o fluxo se dê no sentido oposto (FREUD, 1900).

A regressão não ocorre só em sonhos, há também regressões no estado de vigília, nesses casos a explicação dada sobre a diminuição da censura não se aplica. Para explicar a regressão quando a pessoa encontra-se em estado desperto Freud diz que “de fato constituem regressões - isto é, pensamentos transformados em imagens -, mas os únicos pensamentos a sofrerem essa transformação são os que se ligam intimamente a lembranças que foram suprimidas ou permaneceram inconscientes.” (FREUD, 1900, p.364). Em tais casos, Freud afirma que não devemos desprezar a influência das lembranças infantis que são atraídas para regressão, como forma de representação (FREUD, 1900).

Freud também diz que se o papel das experiências e fantasias infantis for levado em conta na formação dos pensamentos oníricos, não poderá ser descartada a possibilidade que as transformações dos pensamentos em imagens sejam resultado da atração que tais lembranças exercem sobre os pensamentos reprimidos da consciência que procuram revelar-se. Deste modo o sonho seria visto como um “substituto de uma cena infantil, modificada por transferir-se para uma experiência recente.” (FREUD, 1900, p. 365). Como a lembrança da infância é incapaz de suscitar sua rememoração contenta-se em voltar em forma de sonho (FREIRE, 2000).

Freud divide a regressão em três tipos (1) Regressão Tópica, que é particularmente manifestada em sonhos; (2) Regressão Temporal, que consiste na retomada de alguma formação psíquica mais antiga; e (3) Regressão Formal, quando os modos de figuração e expressão se apresentam de forma mais primitiva e diz que esses três tipos de regressão em geral ocorrem juntos (FREUD, 1900).

Para encerrar o segundo subtema Freud diz que não podemos abandonar o tema da regressão, pois o sonhar é uma regressão à condição mais primitiva do sonhador (FREUD, 1900).

### **2.3 Realização de desejos**

O terceiro subtema do capítulo VII trata sobre os sonhos serem a realização de um desejo. Citando Aristóteles, Freud diz que o sonho é um pensamento diurno que persiste no estado de sono. Dessa forma, se quando estamos despertos temos variados tipos de pensamentos desde expectativas a preocupações, Freud se pergunta por que então durante a noite tais pensamentos deveriam restringir-se a realizações de desejos. Há numerosos casos em que pensamentos variados são transformados em sonhos. Para exemplificar tal afirmação Freud retoma o sonho do pai com o filho, e diz que quando o clarão da luz das velas refletiu-se sobre os olhos do pai, ele chegou à preocupada conclusão de que uma vela havia caído e poderia ter atingido o corpo de seu falecido filho, transformando essa preocupação num sonho (FREUD, 1900).

Logo em seguida, Freud distingue três possíveis origens para os desejos que se realizam nos sonhos, são elas: (1) Pode ter sido despertado durante o dia e, por algum motivo externo, não tenha sido satisfeito; sendo assim, o desejo reconhecido do qual o sujeito não se ocupou durante o dia fica pendente para a noite; (2) Pode ter surgido durante o dia, mas foi repudiado; nesse caso, o que fica pendente é um desejo de que a

pessoa não se ocupou, mas que foi suprimido; (3) Pode não ter nenhuma ligação com a vida diurna e ser um daqueles desejos que só à noite emergem da parte banida da psique e se tornam ativos em nós. Freud afirma que o sonho só se materializará se o desejo consciente ou pré-consciente encontrar reforço em outro lugar. Desse modo, os desejos mantidos sob censura que ficam a espera de conseguirem se manifestar de qualquer maneira quando surgir à oportunidade aliam-se aos desejos pré-conscientes ou conscientes. Porém, os desejos mantidos sob censura são de origem infantil, sendo assim, o desejo que o sonho representa tem de ser um desejo infantil (FREUD, 1900).

Os sonhos, quando os pensamentos oníricos lhe oferecem um material que não é a realização de um desejo e sim o contrário, como no caso de problemas que não foram resolvidos durante o dia, preocupações, aflições, reflexões dolorosas, comportam-se de duas formas: (A) substitui todas as representações aflitivas por seus contrários e elimina todos os afetos desprazerosos ligados a elas. O que resulta em um sonho de pura satisfação, uma “realização de desejo”. (B) Mesmo modificadas, as representações aflitivas, são bem reconhecíveis, podendo ganhar acesso ao conteúdo manifesto do sonho. É nesse caso que levantam-se dúvidas sobre a validade da teoria do desejo nos sonhos (FREUD, 1900).

Podemos concluir que durante os sonhos há toda uma preocupação em torná-los a realização de um desejo, quando isso não é possível, temos os sonhos de angústia/pesadelos que é o próximo subtema a ser tratado.

## **2.4 Sonhos de angústia**

O quarto subtema do capítulo trata sobre sermos despertados durante a noite em decorrência de algum sonho que tivemos. Geralmente esses sonhos são os que trazem alguma angústia em seu conteúdo manifesto e são conhecidos como pesadelos. O pesadelo é um desejo ou um afeto que originalmente era prazeroso, mas ao ser recalçado tornou-se desprazeroso, desse modo, o pesadelo surge quando algum desejo que foi recalçado não consegue se expressar plenamente no conteúdo manifesto (FREUD, 1900).

## 2.5 Os processos primário e secundário – recalçamento

No penúltimo subtema do capítulo, Freud relata que ao tentar aprofundar-se na psicologia dos processos oníricos, determinou a ele mesmo uma tarefa que estava além de suas possibilidades. Apesar disso, em sua obra Freud achou lugar para todas as teorias já existentes sobre o que era o sonho. As únicas teorias que ele achou necessário negar são as que dizem que os sonhos são um processo sem sentido e a que o considera um processo somático. A tese de que os sonhos retomam as ocupações e interesses da vida vigíl foi confirmada pela descoberta dos pensamentos oníricos ocultos (FREUD, 1900).

Também nesse capítulo, Freud diferencia dois tipos de processos psíquicos chamados o processo primário e processo secundário onde estes estão relacionados com a formação dos sonhos (FREUD, 1900).

O processo primário consiste no sistema inconsciente, onde a energia psíquica “passeia” livremente pelo o aparelho psíquico, sem barreira usufruindo dos mecanismos de deslocamento (substituição de uma imagem do conteúdo latente por outra no conteúdo manifesto) e de condensação (uma única representação para várias pessoas, situações, lembranças, sentimentos, etc.) (D’ASSUNÇÃO & OLIVEIRA, s.d.).

Já o processo secundário consiste no sistema pré-consciente, e diferentemente do processo primário, no processo secundário a circulação de energia esta sujeita as ações do mundo exterior (FREUD, 1900).

O recalçamento são modificações nos pensamentos para eliminar impulsos, sentimentos e desejos que se apresentam como desagradáveis para a vida cotidiana bloqueando sentimentos angustiantes (FREUD, 1900).

## 2.6 O inconsciente e a consciência – realidade

No último subtema do capítulo, Freud fala que não existem dois sistemas próximos a extremidade motora do aparelho psíquico e sim, dois processos de excitação, buscando eliminar algumas concepções que poderiam levar a um mal entendido quando os sistemas eram vistos como duas localizações do aparelho psíquico. Citando o filósofo alemão Theodor Lipps, Freud diz que o inconsciente é base da vida psíquica, que inclui uma esfera menor do consciente, pois tudo que é consciente passou pelo estágio preliminar do inconsciente (FREUD, 1900).

Sendo assim, os pensamentos conscientes consistem em desejos inconscientes que sofreram modificações (FREIRE, 2000).

### 3. DELÍRIOS E SONHOS NA *GRADIVA DE JENSEN*

O livro *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* é uma análise que Freud faz de um sonho que o arqueólogo Norbert Hanold, um dos personagens da história teve. O romance *Gradiva de Jensen* foi publicado em 1903, pelo escritor alemão Wilhelm Jensen, e será utilizado para exemplificar as teorias de Freud em torno das formas de mascarar o verdadeiro significado do sonho e sua fonte de origem.

O livro conta a história de Norbert Hanold, que fica encantado por uma escultura ao visitar um museu. A escultura é de uma mulher cujas vestimentas esvoaçantes revelavam sua forma de andar. A posição em que se encontravam os pés da jovem era com um deles repousado no solo, enquanto o outro, já flexionado para o próximo passo, apoiava-se somente na ponta dos dedos. O que atraiu a atenção de Hanold foi o jeito incomum de andar da jovem (FREUD, 1908).

Norbert chamou então a escultura de Gradiva que significa “a jovem que avança”. Pouco a pouco o arqueólogo foi colocando seus conhecimentos arqueológicos a serviço da escultura. Intrigado com a forma de andar da *Gradiva* o Norbert começou a observar o modo como as mulheres de sua cidade andavam. Como não encontrou em nenhuma das mulheres que observou o jeito de andar da Gradiva, concluiu que tal modo de andar não era encontrado na vida real, o que o encheu de desânimo (FREUD, 1908).

Pouco tempo depois ele teve um sonho onde estava em Pompéia, que deduziu ser a cidade natal da *Gradiva* ao utilizar seus conhecimentos arqueológicos para analisar as feições da escultura, na época em que ocorreu sua destruição pelo vulcão Vesúvio e avistou de longe a jovem. Gritou para alertá-la, no que a jovem virou para olhá-lo, mas continuou a andar até estar na porta de um templo, onde deitou em um dos degraus. Quando a alcançou, ela repousava tranquilamente, como se tivesse adormecido, até que uma chuva de cinzas a cobriu (FREUD, 1908).

Antes de acordar Hanold ouvia os pedidos de socorro dos habitantes de Pompéia, mas depois de desperto reconheceu tais pedidos como o barulho da cidade que despertava. Quando se libertou da ideia de que estivera na destruição da cidade, concluiu que *Gradiva* deveria ter vivido na cidade e lamentou o fato dela estar morta. Indo a janela, o canto de um pássaro da casa da frente chamou sua atenção e tirou-o da absorção na qual se encontrava. Deste modo, achou ter visto na rua alguém com a silhueta parecida com a da *Gradiva*, com o mesmo andar inclusive. Saiu correndo para tentar pará-la, porém como estava de roupa de dormir, voltou para casa. Ainda sob a

influência do sonho, resolveu fazer uma excursão à Itália. Já em Pompéia, Hanold viu a inconfundível Gradiva de sua escultura sair de uma casa e atravessar a rua com passos ligeiros sobre as pedras de lava, como no sonho em que ela se deitara nos degraus do templo. E foi assim que veio a sua consciência que viera a Itália, especificamente a Pompéia sem parar nas outras cidades para poder procurar a Gradiva (FREUD, 1908).

Seguiu a Gradiva, pensando que esta tinha vindo dos mortos e tratava-se de um fantasma, porém ao interrogá-la em latim, com um sorriso no rosto, a Gradiva respondeu-lhe que se desejasse falar com ela deveria falar em alemão. Marcaram então um “encontro” para o dia seguinte no mesmo local. Ao se encontrarem no dia seguinte, a Gradiva revela a Hanold que seu nome é Zoe, o que ele interpreta como uma ironia já que Zoe significa vida. Quando vai embora, a *Gradiva* esquece um caderno de desenho, o que para Hanold significa que eles vão se encontrar no dia seguinte (FREUD, 1908).

No dia seguinte Hanold encontra Zoe e no intuito de matar uma mosca que posou na mão dela e tirar sua dúvida sobre se sentiria alguma coisa caso lhe tocasse a mão, Hanold bate na mão de Zoe e chega à conclusão que tocou em uma mão humana, ficando espantado quando esta exclama seu nome. Se não bastasse o fato da Gradiva/Zoe saber seu nome, chega ao local onde eles estão um casal, onde a mulher reconhece Zoe e pergunta se ela também esta em lua de mel. Hanold foge para a casa e fica “preso”, pois começa a chover. A Gradiva vem ao seu encontro, quando se aproxima Hanold pede desculpas por ter batido na mão dela e questiona como ela sabe o seu nome, ao que ela responde que mora na mesma rua que ele, na casa da esquina (FREUD, 1908).

Hanold já conhecia Zoe, embora não se lembrasse. Eles eram amigos de infância, mas quando começou a estudar arqueologia, Hanold deixou de lado tudo o que estava ao seu redor, focando-se apenas na aprendizagem da profissão, não percebendo as mudanças que estavam ocorrendo com Zoe (FREUD, 1908).

Zoe fica com raiva do fato de Hanold achar que uma pessoa só se torna viva quando morre, relacionando isso com a arqueologia. No que ele responde que “Bertgang”, sobrenome dela, tem o mesmo significado que “Gradiva”, e quer dizer “alguém que brilha ao avançar”. Gradiva seria então uma analogia ao sobrenome dela que foi reprimido da mente dele. No fim, Zoe e Norbert Hanold, ficam juntos (JENSEN, 1903).

Freud analisa o romance como se Zoe e Norbert fossem pessoas reais, e diz que ao analisar os sonhos de uma pessoa real, tem-se que levar em conta sua história, investigando não apenas as experiências que antecederam o sonho, mas também o passado. Mesmo o autor classificando o romance como uma fantasia, Freud diz que no romance temos um estudo psiquiátrico perfeitamente correto, pelo qual podemos medir nossa compreensão dos trabalhos da mente (FREUD, 1908).

Na análise do sonho de Norbet Hanold, Freud faz uma distinção entre o conceito de inconsciente e de reprimido. Para ele, inconsciente é um termo descritivo e repressão é uma expressão que leva em conta a interação de forças mentais. Para exemplificar, Freud diz que se Hanold se tivesse recordado o modo de andar de Zoe, o que anteriormente fora uma lembrança inconsciente teria se tornado simultaneamente ativo e consciente, o que demonstraria que essa lembrança não fora anteriormente reprimida. Porém ao se esforçar para identificar o andar da Gradiva não recordou o modo de andar da amiga de infância, o que nos mostra que tal lembrança era reprimida por causa de alguma coisa, o que fez com que as lembranças que Norbert tinha de sua amiga de infância fossem reprimidas de seu inconsciente (FREUD, 1908).

#### 4. CONCLUSÃO

Neste trabalho pretendi entender um pouco mais sobre as formas como a mente humana se comporta, a fim de fazer com que os sentimentos e pensamentos que não se adequam a vida cotidiana, sejam modificados para se adequarem ou então que sejam banidos da consciência. Para isso fiz revisão bibliográfica focada na teoria freudiana acerca dos mecanismos de repressão, condensação e deslocamento.

Através da leitura do livro “Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen”, onde Freud analisou um romance baseado no sonho do personagem principal, tais mecanismos ficaram mais fáceis e claros de serem compreendidos.

Com a realização desse trabalho também pude ter um maior conhecimento sobre a discussão dos sonhos nas diferentes épocas da sociedade e diferentes correntes psicológicas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNG, Carl G. **Freud e a Psicanálise**. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis – Ed. Vozes. 1989.

FREIRE, Augusto César. **A Interpretação dos Sonhos – Cem Anos de Inconsciente**. SBPC/Labjor – Brasil. 2000. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/rosenhos/sonhos.htm>>. Acesso em: dezembro de 2013.

FORRESTER, John. **A interpretação dos sonhos**. Trad. Vera Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro Ed. Civilização Brasileira. 2013

TELES, Cyntia Gomes. **O sonho e o sujeito: a psique humana à luz da teoria psicanalítica de Sigmund Freud**. Monografia de conclusão de curso. Rio de Janeiro. 2011

FREUD, Sigmund. **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. Trad. James Strachey. Volume IX. 1908

D'ASSUNÇÃO, Roberta Guimarães e OLIVEIRA, Juliana Sobral de. **Processo primário e secundário**. Disponível em <[http://www.isepol.com/laboratorio/disciplinas/laboratorio1/disc2\\_proc\\_primsec.html](http://www.isepol.com/laboratorio/disciplinas/laboratorio1/disc2_proc_primsec.html)>. Acesso em: dezembro de 2013

CHENIAUX, Elie. **Os sonhos: integrando as visões psicanalíticas e neurocientífica**. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul*, Porto Alegre, v. 28, n. 2, ago. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-81082006000200009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082006000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: março de 2013.

FRAYZE-PEREIRA, João A.. **Entre os sonhos e a interpretação: aparelho psíquico/aparelho simbólico**. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 10, n. 1, 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641999000100010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: março de 2013.

BEIVIDAS, Waldir. **O Sonho de Freud: semiótica do discurso onírico**. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 15, n. 3, 2004 Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642004000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: março de 2013.